

A escrita literária como experiência dos corpos políticos: uma leitura do conto “Frio” de João Antônio

RAMON GUILLERMO MENDES*

Resumo: O presente trabalho busca analisar o conto “Frio” de João Antônio, lançado em 1975 e que compõe a obra “Malagueta, Perus e Bacanaço”, lançando mão das noções de experiência de Benjamin e vida nua de Agamben, propondo convergir o texto literário e a filosofia atentando para a emergência de se pensar a biopolítica e o papel da literatura ou da linguagem poética enquanto testemunho da barbárie. A leitura proposta atende a necessidade que o conto de João Antônio nos traz de se pensar a estética trágica das paisagens urbanas, do cotidiano e como a literatura pode dialogar com a vida. No trânsito de um menino de rua negro e sem nome que tem o costume de falar sozinho pelas ruas de São Paulo, somos apresentados aos seus pensamentos, em um discurso indireto-livre, até que ele chegue ao ferro-velho, objetivo de sua jornada, que aqui propomos como movimento ético.

Palavras-chave: Ética; vida nua; Biopolítica.

Writing literary as experience of political bodies: a reading of tale “Frio” of João Antônio

Abstract:

The present paper seeks to analyze the João Antônio short story “Frio”, released in 1975, that composes the work “Malagueta, Perus e Bacanaço”, resorting Benjamin’s notion of experience and Agamben’s naked life, proposing to converge the literary text and philosophy watching out for the emergency of thinking the biopolitics and literature or poetic language’s role as testimony of barbarism. The proposed reading meets the need that João Antônio short story brings us of thinking the tragic esthetic of both the daily life and the urban landscapes and how literature can dialogue with life. In the transit of a black and nameless street kid who has the habit of speaking alone on the streets of São Paulo, his thoughts are presented to us, in a free indirect speech, until he gets to the junkyard, his journey objective, that we propose here as ethical move.

Key words: Ethics; naked life; Biopolitics.



* **RAMON GUILLERMO MENDES** é Graduado em História Bacharelado pela Universidade Estadual e Ponta Grossa e graduando em Licenciatura Português/Inglês pela mesma instituição.



Vivre sa vie (1962), de Jean-Luc Godard

Introdução

A narrativa, esse lugar sem intimidade e sem limite, é o espaço onde quem escreve não pode mais dizer ‘eu’, portanto não se fixa em nada, nem ao tempo, nem ao espaço. A voz que parte da narrativa é essencialmente errante, móvel, nômade, exilada, e se coloca sempre fora de si mesma não espacialmente, mas intensamente. (PACHECO, 2013, p.176).

A literatura de João Antônio, escritor paulistano, pode ser entendida como a narrativa do cotidiano, fortemente influenciada pela escrita jornalística à qual João Antônio se dedicara desde a década de cinquenta, trabalhando com o chamado Novo Jornalismo, forma de se escrever reportagens com instrumentos ligados à literatura, criada nos Estados Unidos, e que o escritor aplicaria em suas redações, principalmente em seus trabalhos na Revista Abril, e na fundação da Revista Realidade na década de 1960, revista essa que durou até 1968.

Para o Novo Jornalismo, o repórter deveria viver a situação descrita em sua redação, e, além disso, o redator se preocupava em coletar o maior número possível de dados e informações, e dedicava um tempo maior para a escrita, buscava a perfeição do produto final, com o intuito de *humanizar* o texto jornalístico (WOLF, 2005).

Nesse contexto, a escrita jornalística de João Antônio foi ganhando aspectos literários, fazendo com que sua produção ficasse cada vez mais imersa no mundo da poética. Foi na literatura que João Antônio achou o terreno fértil

para romper com os limites estéticos da ficção, introduzindo o prosaísmo, oriundo de sua profissão como jornalista.

A ruptura com os estilos ortodoxos de escrita de ambos os lados, de um a reportagem e de outro a ficção, trazem o tom que marca a escrita de João Antônio, a proximidade com a vida, ou com o que nos “salta aos olhos” em qualquer região urbana, as desigualdades sociais, as frequentes crises existenciais que os personagens que habitam as cidades grandes sofrem a todo o momento e a inquietação dos corpos indóceis para com a vida, o movimento daqueles que fogem à norma, os marginais.

Com esse aspecto iconoclasta, a literatura ganha nas mãos do escritor o papel não apenas de relato, o texto não é apenas uma narrativa sobre o que se vê ou o que se viu, mas das possibilidades de experiência que nascem da materialidade da interação entre o texto e a vida, a literatura passa a ser algo que compõe a paisagem e participa da vida, agente constitutivo de sentidos.

Em seu conto “Frio”, que compõe o livro de contos “Malagueta, Perus e Bacanaço”, de 1963, vê-se exatamente essa composição, de vivência e poética da experiência. O conto “Frio” nos traz a possibilidade de agenciamento com a experiência de um desconhecido, mesmo que nunca tenhamos passado fome ou frio como o personagem principal do conto, temos o acesso à existência de tais realidades, e essas realidades são intercaladas ou tangem a experiência do leitor com a realidade que se faz presente no cotidiano, que se apresentam, são materialidades que



exercem uma presença afetiva em nossas vidas.

Mediação I: Experiência e literatura

No conto “Frio” somos apresentados à jornada de um menino pelas ruas de São Paulo, saindo da Rua João Teodoro passando por: Estação Sorocabana, Alameda Cleveland, Perdizes e largo da Barra Funda, até chegar a Perdizes em um ferro-

velho para entregar a encomenda, um embrulhinho branco e bem feito, de seu amigo Paraná, malandro e jogador com quem mora em um porão.

O conto é a experiência de atravessar a cidade, passando frio, fome, sentindo medo e tentando não perder o embrulhinho e não ser pego pela polícia ou roubado por algum outro malandro: “Devagar, muita atenção nos autos, na travessia das ruas. Ele ia pelas beiradas. Quando em quando, assomava uma guarda nas esquinas. O seu coraçãozinho se apertava” (ANTÔNIO, 2012, p. 97).

A experiência aqui aparece em um primeiro plano, a narrativa sobre a experiência de outro, no caso o menininho, o enfoque nas emoções e no caráter subjetivo de relatar os fatos, um discurso indireto livre, composto por um narrador em terceira pessoa intruso, onisciente, característica predominante na obra de João Antônio.

Esse enfoque narrativo vem somado à ideia do que o próprio João Antônio compreendia por literatura, como contemplado anteriormente neste texto: à ruptura dos limites da prosa em favor de um texto que toque a vida, advinda do Novo Jornalismo, se traduz em um

conceito forte, que nas próprias palavras de João Antônio:

O caminho é claro e, também por isso, difícil – sem grandes mistérios e escolas. Um corpo-a-corpo com a vida brasileira. Uma literatura que se rale nos fatos e não que rele neles. Nisso, a sua principal missão – ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo. Corpo-a-corpo. A briga é essa. Ou nenhuma (ANTÔNIO, 1987, p.9).

O texto ganha vida própria, entrando em contato com a realidade do leitor, ele participa da vida, interage com as possibilidades, cria, transforma, e permanece sempre atualizando os olhares sobre o próprio real, pois ele é também parte desse plano imanente.

Aqui temos a experiência da leitura, ou da emergência do texto no real, ele ganha na conceituação de João Antônio o que Walter Benjamin (2010) também concebia como experiência (*Erfahrung*), uma saída para a perda de sensibilidade da modernidade, a construção de um novo olhar sobre a vida.

Em seu ensaio “Experiência e Pobreza”, publicado originalmente em 1933, Benjamin fará a exposição de uma crítica aos males que a modernidade trouxe para a sociedade, principalmente pela forte presença da técnica do trabalho e pelo declínio da esfera publica em detrimento da privada.

O Capitalismo em sua época de transição do modelo voltado basicamente para produção erigia seu objetivo agora no consumo. Benjamin, consciente de seu tempo, discorreria sobre os problemas que surgiram de forma aguda no período posterior à Primeira Guerra Mundial. Os homens que voltavam das trincheiras não possuíam mais a capacidade de expressar sua experiência (*Erfahrung*),

o trauma que os horrores da guerra causaram impediam a verbalização dos acontecimentos, no período entre 1914 a 1918, o texto de Benjamin afirmará que: “ali ocorreu uma aniquilação da experiência” (BENJAMIN, 1987, p. 115).

Essa aniquilação dos afetos, se assim podemos chamar, veio trazendo consigo a Pobreza de experiências, pois na leitura que Benjamin e seu texto nos trazem, a humanidade perdera a capacidade de olhar o real sem medo, sem ter de desviar o olhar, a realidade se tornou um deserto de significados, se constituiu demasiado dura, os horrores da guerra excluíram de nossa cultura a paixão pelo material, pela vida plena.

O homem moderno, na ótica que aqui estamos expondo, já não poderia mais manter suas tradições, sua memória, enquanto civilização, seu passado não poderia ser transmitido, o homem moderno para Benjamin é a imagem do incomunicável, sem memória:

Na época, já se podia notar que os combatentes voltavam silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. [...] Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmentidas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes (BENJAMIN, 1987, p. 124).

Esse homem caminha pelo mundo sem esperança e com a apatia, saciado pelo regime de significados falsos fornecidos pelo mercado, a cultura mercadológica é a barbárie negativa, aquela que destrói toda tradição, oblitera as experiências reais, fornece apenas interações supérfluas com o mundo, o homem

moderno é a face da derrota da sensibilidade.

Mas em seu texto, Benjamin observa que existe uma saída, ela não é fácil, assim como a visão de João Antônio, é preciso que a cultura como um todo interaja com a vida, que a arte instaure um posicionamento ético em frente à experiência, que ela resista a esse mundo moderno. Nesse ponto que a Filosofia de Benjamin e a literatura de João Antônio fazem ressonância, não há sobreposição, existe entre ambos os textos, uma hospitalidade¹, um “caminhar com”.

Esse movimento do diálogo, ou da eterna conversa entre os textos, é o *mise-en-scène*² da própria experiência, a

¹ O texto aqui é entendido como escritura, a abertura que a linguagem propicia dentro do sistema de significantes, há uma relação de eterna interdependência entre as palavras e os discursos, todo o texto é um aberto, um *devenir* que ressoa em outros: “[...] o desenvolvimento atual das técnicas reestrutura o espaço de tal maneira que aquilo que constitui um espaço de propriedade controlado e circunscrito fica ele próprio aberto à intrusão. Isso, dizendo mais uma vez, não é absolutamente novo: para constituir o espaço de uma casa habitável e um lar, é preciso também uma abertura, uma porta e janelas, é preciso dar passagem ao estrangeiro. Não existe casa ou interioridade sem porta e sem janelas” (DERRIDA, 2003, p. 53-55).

² Assim como em “Vivre sa Vie” (1962), de Jean-Luc Godard, o foco na vida do personagem e o trágico da existência aliados ao incomunicável da experiência. Claro, aqui não estamos falando de aproximações e diferenciações entre cinema e literatura, mas de um discurso ressoante na arte, o conceito é transgressor de limites estéticos e de gêneros: “Exercício da violência, da conquista e do orgulho, a *mise-en-scène* na sua essência mais pura tende a que alguns chamam de ‘fascismo’, na medida em que esta palavra, numa confusão sem dúvida significativa, recobre uma concepção nietzschiana da moral sincera, oposta a consciência dos idealistas, dos fariseus e dos escravos. Recusar esta busca de uma ordem natural, este prazer do gesto preciso e eficaz, este brilho do olhar após a vitória, é ficar

escrita de João Antônio toma ares do movimento, da experiência sendo construída, do olhar para a imanência das coisas mesmas, o conto “Frio” nos traz mais do que um garotinho perambulando pela cidade de São Paulo, nos desvela o ritmo da apreensão estética, há no conto uma extensão, um ponto de partida e um local de chegada, uma expectativa, a de encontrar o malandro Paraná no ferro-velho e lhe entregar o embrulhinho branco, e existem passagens, aberturas na cidade, segmentos que constituem os dispositivos de interação do menino com a realidade, o movimento é a experiência, pois ela só pode ser apreendida em *devenir*:

(...) o menino de “Frio”, em Malagueta, Perus e Bacanaço, pequeno negrinho gigante a empenhar sua lealdade e sua fé no amigo, carregando o misterioso embrulho pela madrugada agressiva da cidade (...) o pé direito que sobe e desce não está lá por acaso. Com a ideia de ritmo cadenciado, de constância, de avanço firme, apesar do frio, ele é que confere ao menino uma dignidade maior do que sua envergadura física. A gente tem a impressão que nada-ninguém-deterá esta cadência. (AGUIAR, 1997, p.90).

Cadência do olhar sobre a própria circunstância na qual se encontra, cadência do frio ressoando em seu corpo, cadência de sua consciência testemunhando a barbárie da civilização, o menino anda sobre o túmulo que os homens construíram para si mesmos, como as grandes pirâmides do Egito, as cidades grandes, as metrópoles são monumentos à morte,

condenado e nada entender de uma arte (o cinema) que se resume à procura da felicidade pelo drama do corpo” (MOURLET, 1987 *apud* RAMOS, 2014, p.11).

ataúdes de cimento contendo corpos operantes de um sistema cíclico de auto-degradação, buscando saídas em virtualidades tecnológicas e mundos outros rechaçando o que se apresenta além de suas janelas e portões.

Mas há ainda a cadência positiva, aquela que resiste, que promove a batalha, um levantar-se contra, um seguir em frente e abrir passagens, através das que já estão desgastadas e não servem mais para produzir nada, mas para manter estéril e árido o sentimento da alma, afligir e amedrontar. O menino do conto de João Antônio faz exatamente o contrário, enfrenta o medo, abre caminho, sente o frio, a estranheza, mas segue em frente, rumo a seu objetivo, abre-se para o incerto, cadência a si mesmo e doma seu caminho, a cidade e a existência não são maiores do que a cadência voraz e o desejo do pequenino garoto que as interpela.

A cadência do menino é a metáfora viva do conceito apresentado anteriormente de João Antônio, um corpo a corpo com a vida, uma literatura que abra passagens, promova a ruptura com o cinismo incrustado no homem moderno a qual Benjamin retrata, é necessário formar a imagem do Bárbaro positivo, aquele que sensível à realidade, produza outros espaços, não ignore a materialidade das grandes cidades e dos problemas que ali persistem, é necessário que se evidencie a miséria e a negação do outro que a modernidade nos trouxe:

Barbárie? Sim. Responderemos afirmativamente para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para

direita nem para a esquerda. (BENJAMIN, 1987, p. 115-116).

A Barbárie positiva é esse resistir, impelir para frente, romper com o presente e as presas do que ele nos mostra, é progredir, assim como o menino do conto de João Antônio, e como o próprio autor entende a literatura, a arte deve sempre resistir, lançar-se à frente, um movimento ético.

Mediação II: Exceção e Literatura

[...] se o homem tem um destino, esse será mais o de escapar ao rosto, desfazer o rosto e as rostificações, tornar-se imperceptível, tornar-se clandestino [...]. (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.36).

A primeira coisa a ser notada no conto é que o menino não tem nome, conhecemos seu ambiente, seus pensamentos, mas não sabemos nem mesmo seu nome, essa pequena estratégia que João Antônio adota, de não fornecer o nome do menino, faz com que o texto se insira em um jogo de aproximação do texto com a vivência das grandes cidades, o anonimato é a condição da exceção em sua mais pura forma de invisibilidade do sujeito.

A questão levantada pelo texto de João Antônio, um menino negro de rua que atravessa a cidade levando um embrulho branco, esgueirando-se das “encrências” da cidade grande, é maior do que meramente uma constatação dos problemas sociais e da existência miserável que muitas pessoas levam nos centros urbanos como São Paulo, é um problema ético, ou ainda biopolítico.

Para marcar essa noção biopolítica, precisamos entender a mudança na forma de compreender a vida, mas não é a mudança prática, a vida sempre foi o ponto de congruência do político, é na

forma de se pensar e resistir à política que a biopolítica aparece:

O homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar, e um espaço em que se pode reparti-las de modo ótimo. Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder. (FOUCAULT, 1988, p.128).

Essa intervenção de poder é justamente o quando operam as relações de força, não há relação em via única, é sempre um confronto, múltiplas vias, múltiplos corpos, múltiplas relações, a inconstância do poder é a tentativa da constância dos corpos, que fogem ou que resistem, pois também eles produzem poderes, ou contra-poderes.

Mas a resistência e a multiplicidade não implicam apenas na beleza, mas promovem o próprio contraste que vemos nos centros urbanos, os inadequados, e os adequados, espaços, segmentos, classificações simbólicas, reais, passagens, entradas, saídas, atalhos e etc.

É no corpo que se exerce o poder e se produz resistência a ele, isso demarca a disputa que já não é mais estudada ou abordada pela questão da identidade, mas pela própria vida imanente:

O hebreu sob o nazismo é o referente negativo privilegiado da nova soberania biopolítica e, como tal, um caso flagrante de *homo sacer*, no sentido de uma vida à qual se pode dar a morte, mas que é

insacrificável. Matá-los não constitui a execução de uma pena capital nem um sacrifício, mas simplesmente a atualização de uma simples possibilidade de receber a morte que é inerente à condição de judeu como tal. [...] Os hebreus não foram exterminados no transcurso de um delirante e gigantesco holocausto, mas, literalmente, como Hitler anunciou, “como piolhos”, ou seja, como vida nua. A dimensão na qual o extermínio teve lugar não é a religião nem o direito, mas a biopolítica (AGAMBEN, 2007, p. 121).

A vida nua é a exposição, a retirada ontológica do Ser da lógica vivente, uma alocação no espaço da deslocação, daquilo que não é e não pode vir-a-ser, portanto algo que já é descartável, reciclável e enfadonho, pois para esse Ser não existe passado, e futuro, apenas o presente de sua situação existencial anti-produtiva ou inoperante.

No conto de João Antônio, o menino habita justamente essa esfera, ele está circulando pela cidade, mas não faz parte dela de maneira objetiva, não é um cidadão, não possui documentos, não é batizado, não tem família, nem mesmo seu nome ele sabe, a experiência de vida nua é seu próprio caminhar por entre os espaços que o excluem, que o engolem e o ao mesmo tempo regurgitam-no.

O menino parece intuitivamente saber de sua condição, de sua relativa inexistência, parece fazer questão de se manter nessa circunstância de errante, em sua cabeça predomina a vergonha que saibam o que se passa consigo, desnecessário refletir, comparar ou mesmo se fazer percebido:

O menino preto tinha um costume: quando sozinho, falar. Comparava os cavalos taludos e a moça da ginástica e as coisas da Rua João Teodoro. Desnecessário conhecer

coisas para comparar. Cuidava que os outros não o surpreendessem nos solilóquios. Desagradável ser pilhado. Impressão de todos saberem o que se passava com ele - pensamento e fala. Paraná também achava que aquilo era mania de gente boba. É. Não devia. Mas era muito bom. O menino achava muito bom, quando podia estar daquele jeito. (ANTÔNIO, 2012, p.101).

Esse “jeito” é o de se perceber enquanto vivente, ele se posiciona no mundo, interage com ele, através da fala e de seu monólogo percebe e se faz percebido pelo mundo, a ordem das coisas que coloca quando as compara em um movimento de ontologização é um movimento de afirmação da sua própria ontologia, a exclusão que perpassa sua subjetividade é resistida pela sua fala, por seu fazer-se ouvir, mesmo que seja um processo solitário (solilóquio).

Essa exclusão que o menino sente é o imperativo de sua vida, vida nua, reflexo da uma estratégia minuciosa de ação e de relação de poderes. O Estado funda sua legalidade na ilegalidade, agindo sobre os corpos, impondo a si mesmo a autoridade:

A exceção é uma espécie de exclusão. Ela é um caso singular, que é excluída da norma geral. Mas o que caracteriza propriamente a exceção é que aquilo que é excluído não está, por causa disto, absolutamente fora da relação com aquela na forma de suspensão. A norma se aplica a exceção desaplicando-se, retirando-se desta. O estado de exceção não é, portanto, o caos que precede a ordem, mas a situação que resulta da sua suspensão. Nesse sentido, a exceção é verdadeiramente, segundo o étimo, capturado fora (*ex-capere*) e não simplesmente

excluída.(AGAMBEN, 2007, p. 25).

Ela, a exclusão, é o fora, esse *ex-capere*, estar fora por fundamento, à negatividade ontológica que preserva a potência de existir no não-estar, ou seja, aquele que se constitui na falta de constituição, de núcleo discursivo definido, bruto, objetivo, aqui o institucionalizado, o humano, aquele que se faz dentro da interseção das normas, da rostilidade³ que constitui e é constituído por um dispositivo identitário.

O texto de João Antônio nos mostra esse movimento de exclusão, da imanência da vida nua, ele, o texto, é uma abertura para a multiplicidade ou para a materialidade da vida, ao passo que captura o fora, aquilo que é constituído negativamente e projeta sua potência em ato, ato de potência, o menino do conto “Frio” é o ato estético da potência negativa, ontológica, da vida material, é a imagem da vida nua contemplada pela sua potência ética, a de fugir à rostificação.

A ausência de rostificação, apesar de ser a exclusão, a falta da identidade, aquilo que animaliza, desumaniza ou não permite ser humano, é a possibilidade da própria humanização, o contato com a produção de desejos sem o cerceamento dos desejos pré-

³ Como a reflexão de Corrêa: “Os aparelhos de Estado funcionam como uma horrível cabine de *instantphotos*: assinalam e atribuem a identidade unívoca de cada corpo e, reduzindo o corpo ao rosto, conjuram a multiplicidade confusa das multidões indóceis, anulam o elemento ontológico e político irreduzível que constitui sua potência específica: ser um corpo no qual nada se assemelha a um rosto, uma diferença livre na qual nada se concilia com tecnologias identitárias”. CORRÊA, Murilo Duarte. *Contra o Rosto*. In: CAVA, Bruno; COCCO, Giuseppe. **Amanhã vai ser maior**: o levante da multidão no ano que não terminou. São Paulo: Annablume, 2014, p. 171-186.

estabelecidos pelo sistema capitalista. Nesse trecho do conto, podemos ver um contraste, mas ao mesmo tempo uma aproximação dessas pulsões desejantes e como elas são entendidas também por João Antônio, ao menos nesse texto, como potências:

Frio. Canseira. As casas enormes esguelhavam a avenida muito larga. Pela avenida Água Branca o menino preto ia encolhido. Só dez anos. No tênis furado entrando umidade. Os autos eram poucos, mas corriam, corriam aproveitando a descida longa. Tão firmes que pareciam homens. O Menino ia só. (ANTÔNIO, 2012, p. 103).

Temos duas situações: um grupo de meninos, excluídos pelo que se entende, que corre Avenida abaixo, em um movimento rítmico e forte que nas palavras do texto os torna ou os fazem parecer homens e o menino sozinho observando. Podemos interpretar a primeira situação, dos meninos correndo, como uma referência a idade, um grupo de jovens moradores de rua correndo tão rápido e fortemente que parecem ter vigor físico avantajado para sua idade, mas em um segundo momento do texto, assim como analisamos desde o início, traz nesse trecho uma noção de que os jovens ao correr, ao atravessar com coragem e com um instinto de sobrevivência, se fazem presentes, constituem sua vida, materializam sua potência, aos excluídos só resta criar passagens, assim como o menino faz no conto o tempo todo por entre a vida da norma e o Estado da rostitificação.

Nesse momento o texto de João Antônio se aproxima do que Agamben denomina de potência de não, a capacidade de resistir, ela é negativa, pois a ela cabe a anulação das forças que governam o Ser, mas a ela também cabe a força de

resistir, a produção de uma contra-potência, temos que:

Uma vez que é não só na medida do que cada um pode fazer, mas também e antes do mais a capacidade de se manter em relação com a sua possibilidade de o não fazer, o que define o estatuto da sua acção. Enquanto o fogo só pode queimar e os outros seres vivos podem somente a sua potência específica, podem somente este ou aquele comportamento inscrito na sua vocação biológica, o homem é o animal que pode a sua própria impotência. (AGAMBEN, 2010, p.58).

Nesse contexto podemos construir a noção de que o menino de “Frio” possui duas instâncias constitutivas: a primeira de ordem da exclusão, da exceção, ou a imagem da experiência trágica da vida nua em sua forma negativa, a norma jurídica e da rostitificação que anula o indivíduo enquanto Ser vivo produtivo: “... o limite ou umbral que o monstro humano constitui entre ele e a natureza o coloca como exceção do natural, ao mesmo tempo em que o colocaria como exceção do sistema jurídico.” (PACHECO, 2013 p.127).

Na segunda temos a possibilidade dessa anulação ontológica produzir uma resistência, uma contra-potência indo em direção à imanência da vida em si mesma, fora dos dispositivos de poder que constituem e obliteram a experiência da vida por ela mesma, uma produção de subjetividade e não uma adequação objetiva da subjetividade.

Considerações finais

Podemos depreender que a experiência proposta por Benjamin faz ressonância na ideia de vida nua de Agamben, e que ambas as concepções são tornadas eixo discursivo na construção estética do conto “Frio” de João Antônio. Em meio às relações confeccionadas, temos a produção de uma fragmentação e realocação do corpo, no conto, ele mesmo, o conto, age como um dispositivo de fragmentação e reabilitação do corpo, uma resistência à política da anulação corporal. O Estado de exceção precisa montar um corpo próprio, com base nas subjetividades enclausuradas na métrica da padronização de série, para que ele o Estado monte sua arquitetura de governabilidade dos corpos:

Além de imunizar os corpos, o corpo Estado, de igual modo, ao criar o confinamento daquilo que foge da sua “normalidade” se imuniza. E o louco, ou fora de si, é institucionalizado. Para o Estado é um risco, uma doença, ter dentro de seu espaço aquilo que aponta para uma desubjetivação, pois o fora de si é aquele que não tem um “si”, um *self*, portanto não é um sujeito subjetivado. O Estado, como vimos, precisa de subjetividades para se tornar corpo, para criar corpo. (PACHECO, 2013, p.174).

O corpo ganha aspecto de resistência política, na exceção, em meio ao lodo social, ao exílio da normalidade, as anomalias surgem como a potência de romper as formas padrão, a vida nua surge como estética de uma vida como obra de arte, como movimento de ruptura, engajamento contra os fascismos do corpo estatal, há aí a produção de um corpo vivido e não matizado.

Em um artigo sobre Benjamin, Terry Eagleton de maneira propícia percebe a

intenção de Benjamin ao se debruçar sobre o Surrealismo, tentando captar a potencialidade transgressora da arte enquanto produtora de novas formas de organização e percepção materialista do corpo:

Assim como a estética do século XVIII envolvia todo o programa de disciplinas corpóreas que chamamos de boas maneiras, impondo uma graça e decoro à carne, assim também para Benjamin, o corpo deve ser reprogramado e reinscrito pelo poder da imagem sensível. A estética, mais uma vez, torna-se uma política do corpo, e dessa vez numa inflexão inteiramente materialista. (EAGLETON, 1993, p.244).

Essa percepção, João Antônio possui/busca em seu conto, de transformar a construção estética em construção da nova materialidade, é nesse ponto que a literatura agencia formas de existência e reabilita os corpos, indóceis. O conto de João Antônio termina exatamente com essa indocilidade, com o ato de produção da inoperância transformada em potência biopolítica:

Que frio danado! Entrava nos ossos. Embrulhou-se mais no casacão e na manta. Fome, mas não era muito forte. O que não agüentava era aquela vontade. Lembrou-se de que precisava se acordar muito cedo. Bem cedo. Que era para os homens do ferro-velho não desconfiarem. Lúcia, branca e muito bonita, sempre limpinha. Sono. Esfregou os olhos. O embrulhinho branco de Paraná estava bem apertado nos braços. Entre o suspensório e a camisa. Que bom se sonhasse com cavalos patoludos, ou com a moça que fazia ginástica! Contudo, não aguentava mais a vontade. Abriu o casacão.

Então, o menino foi para junto do muro e urinou. (ANTÔNIO, 2012, p.104).

O menino apenas deixa seu corpo falar, em meio a vários pensamentos sobre a sua existência e sobre as dicotomias que o constituem, fora da norma, principalmente quando se lembra da menina branca que sempre estava “limpinha”, ora, uma alusão ao estado normativo e funcional dos dispositivos que operam a exclusão/exceção, ele não era branco, muito menos “limpinho”. Não quer mais sonhar, esse “sonhar” é um desvio da vida nua, imanente, sua vida, seu corpo, ele fala, pede para que viva, o ato de urinar é a potência propriamente dita de si mesmo, potência de não em ato, negando as padronizações, o ordenamento racional da norma, ele apenas quer exercer sua vontade, vontade de potência, que é simplesmente urinar, e em um ato imanente o faz, urina.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- AGAMBEN, Giorgio. Sobre o que podemos não fazer. In: **Nudez**. Relógio D'água. Lisboa, 2010, p. 57-59.
- AGUIAR, Flávio. **A palavra no purgatório**: literatura e cultura nos anos 70. São Paulo: Boitempo, 1997.
- ANTÔNIO, João. Para mim o leitor é um parceiro que eu vou procurar. In: **Malagueta, Perus e Bacanaço**. São Paulo: Editora Ática, 1987, p. 3-9.
- ANTÔNIO, João. Frio. In: **João Antônio**: Contos reunidos. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 97-104.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 3º Ed. 1987. Obras escolhidas Volume I. p. 114-119.
- CORRÊA, Murilo Duarte. Contra o Rosto. In: CAVA, Bruno; COCCO, Giuseppe. **Amanhã vai ser maior**: o levante da multidão no ano que não terminou. São Paulo: Annablume, 2014, p. 171-186.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Como criar para si um corpo sem órgãos. In: **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. p. 8-28.
- DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003, p.53-55.
- EAGLETON, Terry. O rabino marxista: Walter Benjamin. In: **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. p. 230-246.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- PACHECO, Keli. **A comunidade em exílio** – literatura comparada entre Lima Barreto e Roberto Arlt. São Paulo: Annablume, 2013.
- RAMOS, Fernão. **A Mise-em-cène realista**: Renoir, Rivette e Michel Mourlet. Disponível em <http://www.iar.unicamp.br/docentes/fernaoram/20Mise-enSceneSiteRealista.pdf> Acesso em: 10/07/2014.
- WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Recebido em 2015-01-15
Publicado em 2016-01-15-